

SOCIOLOGIA, EDUCAÇÃO E TEMAS SOCIAIS: O BULLYING NA ESCOLA**SOCIOLOGY, EDUCATION AND SOCIAL ISSUES: BULLYING AT SCHOOL**

Lair da Silva Freitas Filho e Bruno Henrique Feitosa

RESUMO

Historicamente a sociedade passa por diversas transformações e, sobretudo, nos dias atuais podemos afirmar que, muitas destas mudanças nem sempre podem ser destacadas como positivas, dentre elas, consiste a falta de políticas públicas para a educação, em especial problemas sociais que circundam o Ensino Médio. O objetivo desta pesquisa procura compreender a sociologia como ferramenta de apoio para o ensino escolar vigente, bem como, auxilia na transformação do espaço social vivido pelos alunos, tanto em sala de aula quanto no reflexo dos resultados em suas vidas e, com isso tornando esse aluno um agente transformador do espaço, tornando de fato um ser sociável. Diante destes, o trabalho pretende investigar acontecimentos históricos e, evidentemente identificar os diferentes prismas sociais que as famílias destes alunos passam durante sua vida escolar, principalmente durante a passagem pelo ensino médio, evidenciando dificuldades, ameaças externas e, sobretudo, o "Bullying" nas escolas, considerando que o mesmo pode acarretar uma série de transtornos psicológicos para as vítimas, dificultando não só a aprendizagem como também o convívio social. Neste contexto não se pretende encontrar uma solução binária, mas estimular um debate sócio-educacional sobre aspectos sociológico-pedagógicos. A metodologia utilizada consiste em pesquisas bibliográficas de caráter investigativo, sobre a consolidação da disciplina de sociologia discutindo os avanços educacionais obtidos pela classe, bem como investigar novas práticas sociais pedagógicas em um universo de tantas reformas, com sérias divergências em sua aplicabilidade.

Palavras-chave: Sociologia no Brasil; Educação; Formação Docente; Ensino Médio; *Bullying*.

ABSTRACT

Historically, society has undergone several transformations and, above all, nowadays we can say that many of these changes cannot always be highlighted as positive, among them, the lack of public policies for education, especially social problems that surround Teaching Medium. The objective of this research seeks to understand sociology as a support tool for current school education, as well as, it helps in the transformation of the social space experienced by students, both in the classroom and in the reflection of the results in their lives and, with this making this student a transformative agent of space, making in fact a sociable being. In view of these, the work intends to investigate historical events and, of course, to identify the different social prisms that the families of these students go through during their school life, mainly during their passage through high school, showing difficulties, external threats and, above all, "Bullying" in schools, considering that it can cause a series of psychological disorders for the victims, hindering not only learning but also social life. In this context, it is not intended to find a binary solution, but to stimulate a socio-educational debate on sociological and pedagogical aspects. The methodology used consists of bibliographic research of an investigative nature, on the consolidation of the discipline of sociology, discussing the educational advances achieved by the class, as well as investigating new pedagogical social practices in a universe of so many reforms, with serious divergences in their applicability.

Keywords: Sociology in Brazil; Education; Teacher Education; High school; *Bullying*.

Data de recebimento: 05/02/2023.

Aceito para publicação: 26/05/2023.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa realizar um estudo reflexivo sobre o papel da sociologia em âmbito escolar, sob a perspectiva da sua importância para o ensino médio, analisando até que ponto as reformas educacionais interferem no processo ensino aprendizagem, identificando quais as dificuldades encontradas pelos professores de sociologia diante de sua afirmação definitiva não só enquanto Lei, mas também pelo reconhecimento de toda sociedade civil organizada, desmistificando de forma definitiva sua importância para o saber.

Neste contexto de reformas educacionais e afirmação legal da disciplina de sociologia, o presente artigo pretende discutir a sua aplicabilidade em sala de aula e realizar uma auto-reflexão sobre os diversos motivos que circundam os atores, tendo em vista que

esses processos deixam lacunas no desenvolvimento individual e coletivo dos envolvidos, onde o método de ensino aprendizagem se fragiliza com essas ações meramente políticas, de debates rasos sem uma percepção profunda da disciplina, particularmente afetada por todo esse contexto, o que tem implicado enormes dificuldades para sua consolidação. Portanto, procura-se, a seguir, identificar algumas dessas dificuldades e especificidades observadas nesse processo recente de implantação da sociologia nas escolas de ensino médio, (VARGAS, 2010, p.2).

Diante aos pontos a serem abordados nesta pesquisa, a visão sociológica dos fatos será o ponto a ser estudado, debater eixos temáticos, e problematizar assuntos em comum a toda sociedade, relativizando as individualidades debatendo nexos coletivos. Entende-se que a sociologia como ensino escolar deve-se correlacionar ao longo de sua execução em um espaço interdisciplinar onde as ações públicas devem ocorrer em conjunto com a educação em sala de aula, onde as famílias e sociedade participem de maneira plena nas práticas, sobretudo, nas experiências educacionais. Desta forma, estará impulsionando o ser sociológico, enquanto disciplina e vida real, ao fazer pedagógico, transformando conhecimentos científicos e práticas sociais e comuns ao todo.

Ao investigar “sociologia no ensino médio” na perspectiva da interdisciplinaridade deve-se, desenvolvê-la numa discussão contextualizada baseada em pesquisas concretas, fazendo com que este processo seja mais do que essencial, pois intercala o “ser social” no cotidiano mostrando a sua importância na sociedade, e seu papel enquanto cidadão e formador de opinião, evidenciando os debates no ambiente escolar que se manifesta através de contextos sociais diversos, envolvendo alunos, professores e sociedade. Além das diversas análises e debates que circundam este trabalho, será dada uma abordagem sociológica sobre os conflitos na escola, tendo como ponto chave discussões problemáticas em relação ao Bullying em sala de aula. Agressão esta realizada por alunos e até mesmo agentes externos, levando em consideração que essa prática irresponsável pode acarretar em problemas danosos no desenvolvimento escolar, com isso dificultado a aprendizagem educacional, onde em muitos momentos tornando essas ditas “brincadeiras” em sérios traumas psicológicos nesses específicos alunos agredidos, precisando em vários casos de acompanhamento de profissionais da saúde, por conseguinte transformando esse aluno em um cidadão frustrado com dúvidas de sua identidade enquanto ser social.

2 A SOCIOLOGIA NO BRASIL: SUA AFIRMAÇÃO COMO DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO

A educação, ao longo do tempo sempre foi alvo de preocupações, desde preocupações filosóficas, metafísicas, políticas, psicológicas dentre outras, de forma a abranger análises cada vez mais consistentes sobre o tipo de formação humana condizente com a vida em sociedade. Atualmente essas preocupações exigem do campo da educação a necessidade de uma formação humana que responda às exigências do capitalismo contemporâneo. (CARVALHO, 2011).

A Sociologia segundo Carvalho (2011, p. 2) “é uma ciência da modernidade relativamente nova em comparação às outras. Como disciplina escolar é ainda incipiente e não está totalmente constituída e consolidada, embora já se tenha sua obrigatoriedade nos currículos das escolas”.

No Brasil, o recente processo de implantação da sociologia e da filosofia como disciplinas obrigatórias no ensino médio enfrentou e vem enfrentando uma série de dificuldades. Tal obrigatoriedade foi estabelecida pela Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008, depois de muitos anos de debates, de avanços e retrocessos, e de quase quarenta anos de banimento destas disciplinas dos currículos escolares (VARGAS, 2011, p. 1).

Com base nas compreensões de Carvalho (2011) pode-se dizer que a Sociologia emerge como disciplina científica marcando a evolução do conhecimento empírico para o conhecimento científico, ou seja, ocorre a partir da transição crítica do mundo pré-moderno para o moderno, pois se faz necessário uma profunda análise científica sobre a sociedade, o que demanda ações, iniciativas e propostas inteligentes estimuladas por ideias claras sobre o meio social. Nessa perspectiva, surge a importância da Sociologia como disciplina no Ensino Médio.

Talvez, o maior objetivo da inserção da Sociologia nos currículos das escolas brasileiras segundo Fávaro (2015), tenha sido o de levar a formação escolar para a prática diária, não só em relação ao conhecimento sociológico, mas também em todas as áreas do conhecimento. Dessa forma, a Sociologia tem muito a contribuir para com a sociedade brasileira. Pois um olhar sociológico com o respeito à diversidade, nos seus mais diferentes aspectos, em tempos como os de hoje, é o que temos de mais necessário para a construção de um país mais justo e preocupado com as suas questões sociais.

Partindo do pré suposto histórico, as principais características fundamentais do ensino da sociologia na educação brasileira foi seu período de desconfiança enquanto uma ciência a ser discutida de forma cabal em sala de aula, tendo em vista que por muitas vezes houve o debate da dúvida da não inclusão dela nos currículos escolares, disciplina esta que teve períodos curtos e restritos de implantação, ficando por longos períodos em estado de banimento e exclusão total da matéria, principalmente durante a ditadura militar implantado em 1964. “Assim, a partir do golpe militar, a filosofia e a sociologia foram substituídas por Educação Moral e Cívica e OSPB. Só no final do regime militar e com a redemocratização do país é que estas disciplinas retornam pouco a pouco aos currículos escolares” (VARGAS, 2011. p.4).

Desta forma, com base em Vargas (2011), pode-se assegurar empiricamente que, a sociologia tem sido vítima de reduções “falseadoras e preconceituosas”. Já que se imaginou que seu objeto de estudo, único e exclusivo, era a pobreza, minimizando seu caráter social para com o ser “homem em sociedade”. Já que se imaginava nela uma componente subversiva intrínseca: onde a sociologia se interessaria, só e somente só, pela tomada do poder ou o uso para análises alheias aos estudos escolares. Já se achou que sua função era fazer a crítica do capitalismo ou a das “patologias sociais”.

Em razão dessas hiperbolizações é que a sociologia foi menosprezada e mesmo proibida. Mesmo diante da afirmação nos dias atuais da disciplina de sociologia, “Não há garantia de que a obrigatoriedade se mantenha. Uma possibilidade de abordagem do problema é especularmos sobre as condições para a permanência da sociologia como disciplina do ensino médio brasileiro” (SARANDY, 2011. p.2).

Como contribuição ao debate, podemos nos perguntar se a legitimidade da disciplina advirá do sentido que lograrmos construir para ela... o que, vale dizer, significará construir a justificativa para sua presença no ensino médio, afirmar argumentativamente sua relevância, estabelecer seus fins, seus desdobramentos, sua metodologia própria. Assim, o sentido da sociologia na escola – ainda a ser construído discursivamente nas experiências de comunicação entre professores de ensino médio e pesquisadores das ciências sociais - abrange a fundamentação teórica da mesma e implica a densificação dos debates acerca de seu ensino que passam a ser protagonizados pelos seus profissionais, quer nas escolas, quer nas universidades e institutos de pesquisa, nenhum deles unilateralmente (SARANDY, 2011. p. 2).

Contudo, devemos realizar um debate não apenas sobre a importância da sociologia enquanto disciplina, mas evidenciar o quanto importante deve ser discutir sociedade na base escolar dos alunos, tendo em vista que o mundo passa por

transformação em tempo real, e a busca por conhecimento passa a ficar na palma da mão das pessoas, através da internet e seus meios de informações automáticas, daí nos remeteram as indagações sociais: qual deve ser o papel do ensino da sociologia na escola? Quais debates cabem ser discutido em sala de aula? O professor deve externar os fatos sociais além dos muros das escolas? O aluno pode interagir com a sociedade juntamente com o corpo escolar? É claro e evidente que outras perguntas podem ser levantadas para obtermos diversos debates, porém o que se pretende neste trabalho é impulsionar questões pertinentes de caráter de utilidade pública, no tange a evolução das relações interpessoais.

Para entendermos de fato, sobre as ciências sociais, a educação formal representa um dos caminhos prioritários de divulgação do conhecimento técnico especializado. Sobretudo é nas salas de aula que a maior parte das pesquisas e das teorias produzidas no país consegue circular e, em alguma medida, impactar a vida social, Foram evidentes as constantes críticas ou oposições que o ensino de sociologia acumula no percorrer de sua história de afirmação colegial que, sinalizam tanto o caráter instável da disciplina nos currículos escolares quanto a desconfiança com que diferentes esferas da população recebem os conhecimentos realizados pelas universidades e núcleos de pesquisa do Brasil. Neste sentido, Essas reações contrárias seriam fruto da mera incompreensão de uma sociedade elitista, conservadora e com baixos índices de escolaridade? Ou, inversamente, deveríamos acreditar que a natureza complexa das teorias sociais estaria dificultando o conhecimento sociológico de habitar outros espaços que não aqueles em que foram originalmente desenvolvidos? (CARNIEU; BUENO, 2018, p.3).

Conforme os autores evidenciam, que em vez de reedificar estereótipos que polarizam o saber em formas leigas e especializadas, talvez possamos encontrar outra maneira de encarar esse problema se voltarmos a verificar o modo como a sociologia tem participado da construção de uma cultura científica compartilhada e igualitária de maneira que as experiências sejam o caminho certo.

3 FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA.

Quando se debate sobre a capacitação profissional dos profissionais em educação no Brasil, é importante destacar à falta de recursos públicos disponíveis para a formação acadêmica dos mesmos, em especial neste trabalho o professor de sociologia, contudo é evidente que essa realidade também se aplica para os bacharéis. A desvalorização do ensino como atividade profissional, por parte do estado¹aprofunda a diferença de prestígio entre os papéis ocupados pelos agentes que transformam ciência em práticas aplicadas na sociedade. Neste sentido, sabe-se que a titulação de especialista em sentido estrito confere o maior status ao profissional e, sobretudo perspectivas de novas oportunidades em diferentes campos de estudo tendo melhor qualidade de vida, isso em virtude de melhores condições financeiras e inspirações científicas, assim como a carreira de professor, contam com menor prestígio, falta de aplicação de suas pesquisas e atenção dentro da formação acadêmica (CAREGNATO; CORDEIRO, 2014. p.6).

Partindo desse pressuposto Ferreira (2010, p.1) considera que:

Embora existam aspectos positivos nas últimas décadas, no que diz respeito a melhorias da educação, fruto da globalização, ainda é extremamente delicada a apresentação da figura das escolas públicas e seus resultados. Mudanças extremas e rápidas acontecem constantemente. O que hoje olhamos, procuramos entender e

¹ Um **Estado** é o conjunto de instituições que controlam e [administram](#) uma nação ou país e o seu [ordenamento jurídico](#), ou seja, é uma definição de ordem jurídica. No caso do Brasil, isso seria um Estado que possui [Constituição Federal](#), [leis ordinárias](#), [medidas provisórias](#), decretos, resoluções, portarias e toda uma hierarquia jurídica (POLITIZE. 2020).

julgamos super moderno, amanhã já estará ultrapassado; tudo se renova com muita velocidade e precisão no mundo atual. E, no entanto, em meio a toda essa corrida ao progresso, podemos dizer que a escola é responsável por parte de todo esse desenvolvimento? A escola tem acompanhado tal velocidade de evolução? Qual infraestrutura desejada é ideal, ou o que fazer para alcançá-la?

Apesar do desprestígio do professor de sala de aula em relação ao bacharelado, e toda gama de oportunidades que lhe é negada pela sociedade, acredita-se para vários autores que de acordo com os estudantes e egressos, o sociólogo típico estaria na academia, dando aulas e realizando pesquisa, ao passo que aquele que não está nesse lugar é tido como “menos sociólogo”, afirmando mais uma vez, a falta de envergaduras e aparato estrutural para os profissionais da educação que ficam “limitados” com apenas a sala de aula, sem recursos e espaços adequando para se discutir ciência. Daí a carreira que confere maior status e valorização financeira, portanto, é a acadêmica com suas múltiplas opções de mercado de trabalho², e o ensino de Sociologia em nível médio, no que diz respeito ao espaço que ocupa na constituição da identidade profissional, é relegado à condição de reprodução do conhecimento produzido pelo sociólogo pesquisador (CAREGNATO; CORDEIRO, 2014. p. 6).

De acordo com Pavei (*apud* CAREGNATO; CORDEIRO, 2014. p.7):

A separação entre bacharelado e licenciatura é problemática na medida em que a pesquisa constitui, também, o ideal de serviço do professor. Ensinar exige atualização permanente dos saberes adquiridos e compreensão dos processos de produção do conhecimento. Para a autora, a formação de professores-pesquisadores, na medida em que se opõe à dicotomia interna entre ensino e pesquisa, produziria efeitos positivos sobre a atuação profissional dos diplomados. Da mesma forma, a dialética entre pesquisa e ensino representaria um fator dinamizador dos campos científicos, havendo a necessidade de estabelecimento de conexões entre os espaços de produção e de difusão do conhecimento, tais como são concebidas, respectivamente, a universidade e a escola.

Segundo Lopes, Camargo, Costa (2011, p. 4) “A partir dos processos vivenciados na licenciatura de Sociologia, temos refletido acerca do distanciamento entre a cultura do ensinar e a realidade concreta de professores e alunos de Sociologia”. Evidenciando cada vez mais a necessidade de um maior apoio na formação de base dos professores de sociologia, haja vista que os alunos de hoje, não são os mesmo da década passada, os comportamentos e problemáticas, são outras, sendo cada vez mais dinâmicos, e de difícil análise, levando em consideração que o mundo este absolutamente integrado pelos sistemas digitais, contudo nota-se que as necessidades e ambições desses alunos são completamente distintas dos alunos do passado recente, também os dilemas patológicos apresenta-se com novas roupagens que precisam ser estudados através de critérios científicos.

Acreditamos que um dos grandes problemas vivenciados na licenciatura de Sociologia é o desencontro pouco visível entre projetos políticos, interesses, culturas e visões de mundo, seja no universo de formação docente, seja na experiência posterior, como professores (LOPES; CAMARGO; COSTA 2011, p. 4).

Nesse sentido, Debarbieux e Blaya (2002) consideram que alunos fora da escola podem se tornar um fator de risco em vários sentidos, no que se referem às consequências,

² O **mercado de trabalho** é uma expressão utilizada pra se referir as formas de trabalho que possam existir, sendo remunerados de alguma forma, seja trabalho manual ou intelectual. As pessoas vendem sua força de trabalho por um salário, que pode ser em dinheiro, moradia, bonificação, ou outra forma de recompensa pelo trabalho exercido (INFORESCOLA, 2020).

bem como freqüentar a escola pode ser caracterizado como um fator de proteção. Entretanto, nem sempre acontece dessa forma, pois muitas vezes as escolas não apresentam essa forma de proteção, tendo em vista que muitos profissionais não são capacitados ou não adquire conhecimento para trabalhar as diversas situações que circundam na realidade individual dos alunos.

Em outras palavras, as crianças que se encontram em circunstâncias adversas ou estressantes em sua vida familiar e vêm tendo problemas na escola saem-se pior que seus colegas cujas dificuldades sejam de natureza unicamente escolar. Isso pode parecer óbvio, mas, mesmo assim, é uma questão agravante, que tem que ser compreendida para que as intervenções venham a se adequar ao problema. (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002.p.145).

As concepções de Njaine e Minayo (2003) mostram que muitos jovens têm dificuldades para lidar com o descaso da escola e a violência verbal por parte dos professores e funcionários das instituições. As atitudes distantes e autoritárias por parte dos professores obstruem o diálogo com os alunos e impede a verdadeira orientação. Outra situação destacada pelas autoras está relacionada à indiferença dos professores frente à luta dos adolescentes e jovens pela afirmação de sua identidade, ou seja, a falta de compreensão por parte dos profissionais da área acaba por dificultar a relação professor-aluno, não podemos esquecer que esse é o momento de transição em que os adolescentes e jovens estão em processo de formação de personalidade, o que requer uma maior atenção, todavia via que os professores se tornam um espelho e/ou exemplo enquanto cidadão e formador de opinião.

4 ANÁLISES DE TEMAS SOCIAIS: *BULLYING*, VIOLÊNCIAS E PRECONCEITOS

O *bullying* é considerado um ato de violência, que se manifesta tanto de forma física quanto de forma psicológica. Essas práticas são realizadas não só de forma individual, mas também de forma coletiva, onde os agressores se reúnem e realizam seus atos, geralmente com pessoas que pertencem ao mesmo meio social, estando presente em várias faixas etárias, sendo mais comum em idade escolar.

Longe de serem simples brincadeiras, e, infelizmente, longe também de serem ficção, é sabido que nossas crianças e adolescentes, ou uma boa parte deles, está em contato com atos violentos, em todas as esferas de seus relacionamentos, sejam elas vítimas ou expectadoras dessas cenas ou mesmo as precursoras de sofrimentos a outrem (TOGNETTA; VINHA, 2010, p.2).

A palavra *bullying* é um termo em inglês que se refere a uma forma específica de violência. Tognetta e Vinha (2010) enfatizam que quando falamos em *bullying*: a atual literatura sobre o fenômeno aconselha que utilizemos as expressões “alvos de *bullying*” e “autor de *bullying*” à vítima e agressor respectivamente, na tentativa de evitar preconceitos por parte dos agentes que trabalham com situações em que haja essa forma de violência.

Como prática de violência, o *bullying* é algo que existe há bastante tempo, porém atualmente ganhou bastante destaque pela mídia. Diariamente, a mídia através de jornais, revistas e televisão, explicitam o envolvimento de pessoas com a violência e, igualmente isto se dá onde eles mais convivem: a escola.

O problema não é novo e pode ser encontrado nas escolas, sejam públicas ou privadas. Trata-se de comportamento agressivo através de insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros levando na maioria das vezes o agredido a graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social”. (ROSA, 2010, p. 3).

As consequências de tais atos se configuram de forma visível, e muitas vezes invisível. Nesse sentido, o psicológico acaba por ser o mais afetado em relação às práticas físicas, podendo acarretar a vítima uma série de outros problemas psicológicos, como as crises de pânico, ansiedade, depressão e suicídio, como sendo o último estágio causado pelo problema.

Sob essa perspectiva Souza (2008) compreende que se as formas aparentes da violência são de fácil percepção, as formas psicológicas ocasionadas por ameaças, humilhações, intimidações, rejeição e desrespeito, nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. A invisibilidade desse tipo de agressão contribui para gerar um ambiente de segregação dentro das escolas, com grupelhos que marcam seu campo, seu espaço pela violência.

Muitas vezes as problemáticas em geral, são difíceis de trabalhar, de se combater, e o *bullying* não é diferente, isso porque, ele acaba por se configurar como um ciclo, ou seja, a vítima mais tarde se torna um agressor, claro que não na mesma proporção, mas o suficiente para manter o problema.

A maior dificuldade encontrada pelas vítimas é justamente reconhecer que está sofrendo violência, acabando por se isolar e mascarar o problema. A vergonha e o sentimento de incapacidade tomam conta deixando-o cada vez mais a mercê daqueles que usam essas práticas.

Em razão de os alvos não se manifestarem, é difícil reconhecer que exista *bullying* entre as crianças e adolescentes. Por certo, o fato de não delatarem seus agressores esconde razões importantes, mas não é explicação suficiente para que ainda haja tantos casos de *bullying* nas escolas. (TOGNETTA; VINHA, 2010, p.4).

Considerando que o indivíduo se encontra sem forças cabe a família, como sendo o primeiro grupo social a qual ele pertence tentar identificar as dificuldades encontradas por essa pessoa e assim buscar alternativas que minimizem os problemas. Portanto, Rosa (2010) destaca que as famílias precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola, observar a relação com professores e colegas, realizar o cumprimento das atividades, respeitarem ao próximo, frequentar as aulas, ter contado com a direção da escola e professores e vigiar amizades, é preciso estar atento a situação. Se a família se compromete com seu papel estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno.

Os filhos deveriam aprender com os pais sobre o mundo, sobre os valores morais e éticos, sobre a questão da violência, sobre o respeito ao ser humano e à diversidade. Entretanto, isto requer tempo, coisa que os pais, preocupados com a crise, com as contas e obrigações domésticas, e com a necessidade de trabalhar cada vez mais para assim poder dar conta de suas responsabilidades essenciais, como despesas com água, energia, alimentos, e vestuário, pouco dispõe. É importante gastar tempo com as crianças. Contudo, a sociedade desorganizada não oferece o devido ambiente aos pais para que possam assim proceder". (SANTOS, 2016. p. 11).

Além da família, destacaremos outra esfera que tem um papel social com cada indivíduo, a escola. Pessoas em idade escolar passam boa parte de seu tempo na escola, isso faz com que a mesma se torne sua segunda casa. É um ambiente acolhedor que deve proporcionar a seus alunos conhecimento de mundo, bem como torná-los seres críticos frente à sociedade. Entretanto, não é tão simples assim como parece, pois a escola, enquanto instituição acaba por sofrer reflexos dos fatores de violência externos, gerando assim conflitos dentro das salas de aula, comprometendo assim não só o aprendizado como também as relações interpessoais.

A posição de equilíbrio se manifesta também no reconhecimento de que não só alunos e, em particular, um grupo proporcionalmente pequeno grupo de alunos pratica atos violentos, mas também as escolas, nas suas vigências, apresentam certos componentes e condicionantes de violências... Se a escola reflete a sociedade, como se sabe desde os fundadores da sociologia da educação, aumentando as violências na última, tendem também a aumentar na primeira. Porém, longe de ser uma instância passiva, a escola pode amplificar a violência ou contribuir para a construção da paz na sociedade. (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002, p. 9).

Considerando o papel dos profissionais da educação frente a essa problemática no contexto escolar, Tognetta e Vinha (2010) consideram que educadores em geral, e em especial aqueles que atuam em instituições públicas, pouco sabem sobre formas de intervenção aos problemas de violência que assolam a escola. Dessa forma, apontam com urgência propostas que trabalhem a ética como um olhar ao outro que supere as diferenças. As autoras destacam ainda que os regulamentos de convivência presentes na maioria das escolas do país deveriam assegurar a legitimidade do valor outro e o valor da convivência moral entre as pessoas, o que de fato não acontece. As escolas por sua vez optam por outros tipos de regras:

Em determinada escola brasileira, encontramos em seu regimento... outra interessante regra e sua correspondente penalidade por seu não cumprimento: “Regra: fica proibido o uso de boné, toucas, chapéus e ou similares. Penalidade: de repreensão a suspensão limitada de até 3 dias.” Nosso leitor a essa altura pode deduzir: não será, nessa escola, melhor bater no colega do que utilizar um boné como adereço? Por certo, essa dedução correta nos leva a pensar a natureza das regulações que estabelecemos na escola: não damos às nossas crianças oportunidades de pensar que o desrespeito ao outro é pior, do que o uso de bonés, brincos e demais adereços... Lamentável, pois, segundo estudos, crianças ainda pequenas já conseguem perceber a diferença existente entre regras convencionais e morais, dando às últimas, maior valor. (TOGNETTA e VINHA, 2010. p. 14).

As compreensões de Rosa (2010) destacam que as situações de violência na escola têm sido acompanhadas em paralelo pela exposição midiática dos fenômenos da indisciplina juvenil coincidindo que ambas convergem e constituem em ameaça grave precisando ser coibida. Ou seja, a violência na escola não ocorre de forma isolada e pode ser caracterizada de várias formas, como por exemplo, as agressões e ameaças direcionadas a professores feitas por alunos, as verbais, físicas ou psicológicas, sofridas por parte de profissionais que atuam nas escolas. O problema vem se agravando, já é possível presenciar essa realidade tanto na escola pública quanto no particular.

Diante disso a autora destaca que a indisciplina na escola possui diferentes motivos e é a maior causadora da violência, as causas estão nos problemas familiares, inserção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, abuso e violência doméstica, carências sociais, influências negativas, entre outros. Nestes casos o professor muitas vezes fica impotente a depender de cada situação. No entanto, existem outras causas que resultam de disfunções entre alunos, professores e escola.

A violência nas escolas é atualmente um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país...A miséria, o desemprego, as desigualdades sociais, a falta de oportunidades para os jovens e a presença insuficiente ou inadequada do Estado fazem aumentar as manifestações de violência no país. Entretanto, não se trata de um fenômeno circunscrito a fatores estruturais de ordem socioeconômica. Em “razão disso, a violência deve ser entendida no âmbito cultural e psicossocial dos indivíduos, dos grupos e da sociedade. (ROSA, 2010, p. 6).

Além da indisciplina Rosa (2010) acredita que a falta de motivação dos alunos e o desinteresse explícito por aquilo que o professor pretende ensinar interferem no comportamento, deixando muitas vezes o aluno agressivo, são as formas inadequadas sobre os métodos de ensino ou sobre as estratégias de relação na aula que exigem do professor clareza na negociação daquilo que se pretende trabalhar com os alunos, quando não há regras que estejam em comum acordo entre ambos, o resultado é a insatisfação e indisciplina.

É necessário resgatar o papel do professor enquanto educador, para que além de garantir aos seus alunos a possibilidade de uma ascensão profissional, possam também contribuir para torná-los pessoas críticas e conscientes de suas responsabilidades. Acredita-se ainda ser de grande importância a percepção da família e da escola no sentido de perceberem a ação de educar como responsabilidade de ambos e que cruzar os braços e esperar que os resultados venham e se conformar com tal situação é o mesmo que concordar que essas crianças sejam apenas mais uma na imensidão, onde não são respeitadas e valorizadas enquanto seres humanos". (ROSA, 2010, p. 9).

Como mencionado anteriormente, o *bullying* é uma forma de violência que se apresenta de formas distintas e com características específicas. Sobre as características do *bullying* Tognetta e Vinha (2010) consideram ao menos cinco características marcantes: a primeira é descrita como a ridicularização, que acontece quando a vítima sofre menosprezo, logo trata-se de uma forma de violência entre pares, ou seja, não há desnível de poder ou de autoridade entre aqueles que participam. A segunda característica por sua vez explica o fenômeno da repetição, nesse caso não são brincadeiras ao acaso, são sempre atos direcionados a um alvo, a uma vítima, por repetidas vezes, seja no ônibus, em sala de aula ou na brincadeira do recreio.

Na terceira característica a ser considerada há a intenção de ferir, autores de *bullying* escolhem intencionalmente seus alvos, e estes são exatamente aqueles que por razões psicológicas parecem concordar com a imagem que seus algozes querem fazer dele, nesse caso, as vítimas sentem-se diferentes pela roupa que vestem, maneiras como se relacionam, pelas diferenças físicas ou psicológicas, trejeitos e, principalmente, por sentirem-se pouco seguros com relação ao respeito que nutrem por si mesmos. Somente aqueles cujas imagens de si empobrecidas revigoram as características postas em evidência pelos autores de *bullying* são tomados como vítima. (TOGNETTA; VINHA, 2010).

Um autor de *bullying* é notadamente mais forte fisicamente, mais esperto, ágil em manobras de articulação da turma para se voltarem contra um alvo e é um provocador permanente. Utiliza-se de sarcasmos e ironias e escolhe a dedo suas vítimas, pelo seu amplo poder de detectar nelas uma 'falta' ou uma característica que as façam diferentes e frágeis. (TOGNETTA; VINHA, 2010, p.3).

A quarta característica está ligada ao sarcasmo pelo tipo físico da vítima acontece, por exemplo, quando uma menina gosta de participar de brincadeiras "ditas" de meninos, e por sua facilidade em criar fantasias. Resta-nos a quinta característica, nessa perspectiva não há *bullying* sem que haja um público a corresponder com as apelações de quem ironiza, age com sarcasmo e parece liderar aqueles que são expectadores.

Diante das abordagens Souza (2008) compreende que as formas e o grau das ações violentas variam, porém, suas marcas são profundas para aqueles que são vitimados. O fenômeno da violência é cada vez mais perceptível seja urbana, policial, familiar ou escolar, tornou-se objeto de estudo e tem ocupado grande parte das reflexões de profissionais dedicados à análise dos fenômenos sociológicos.

Sabe-se que a violência não se restringe apenas ao homem contemporâneo, mas que a mesma o acompanha desde muito tempo. O que se deve considerar com relação à

busca de solução dos atos de violência que hoje se fazem presentes nas escolas, é que o aluno violento não deve ser tratado como um ou como o problema. Antes de tudo, é preciso conhecer as experiências vividas por esse aluno e procurar detectar as causas da violência em suas atitudes. Como abordado anteriormente, os problemas familiares podem ter ligação com o comportamento agressivo de um aluno.

Segundo Njaine e Minayo (2003, p.8) “a agressividade com que muitos alunos também se dirigem aos professores, leva a que muitos educadores desistam de sua profissão, por temer violências por parte dos alunos”. Diante dessa situação percebemos que muitas vezes pequenos atos são apenas o começo, daí a importância de acompanhamento social e psicológico à crianças, jovens e adultos que apresentam comportamento diferente do normal em algum momento da vida, pais e família devem estar perto e observar o comportamento dos filhos, a escola também tem papel importante na vida das pessoas e pode buscar novas formas de trabalhar esses temas na tentativa de formar realmente seres pensantes, mas principalmente cidadãos de bem, acredito que isso seja o mais importante para o indivíduo e para a sociedade de forma geral.

A violência nas escolas, aqui abordadas, apesar de não serem geradas por elas, é dentro delas, que se toma grande dimensão, que se intensifica. Dessa forma, toda equipe escolar deve apostar no diálogo, como ferramenta importante no combate a violência. Discutir os assuntos conflitantes existentes no interior da escola é tão importante quanto discutir o planejamento das aulas, e programas escolares, promoverem a troca de experiências vivenciadas por aqueles envolvidos no processo de formação do indivíduo, significa a valorização do trabalho em equipe, em oposição às formas fragmentadas de resolução que, muitas vezes, não produzem efeitos positivos. Outro aspecto necessário à comunidade escolar, é o acesso à profissionais específicos para colaborarem não só com a identificação dos problemas bem como medidas de tratamento (SOUZA, 2008).

5 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DOS JOVENS.

Atualmente um dos grandes desafios para a educação, é preparar o ser humano para agir perante uma sociedade que está em constante transformação. Pensando nessas transformações o Ministério da educação propôs um novo Ensino Médio. Juntamente com os novos objetivos traçados para essa etapa do Ensino, a Sociologia surge como uma disciplina que tem como perspectiva instigar os alunos a perceberem a sociedade com seus próprios olhos, e aprenderem filtrar as informações processando-as de acordo com a sua vivência em sociedade (OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido, Brasil (2013) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e no seu art. 22 define: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Dessa forma, é possível identificar que é de fundamental importância que os jovens aprendam a ter um olhar crítico em relação aos fatos da vida em sociedade, durante o período de formação. A sociologia, por sua vez, pode ser vista como uma interlocutora não só entre as demais disciplinas como também com a instituição escolar, tendo em vista que a mesma é considerada uma ciência que compreende elementos que justificam o modo de ser das sociedades ou grupos sociais de Sociologia (OLIVEIRA, 2013).

Mais do que maneiras de nomear as entidades e explicar os fenômenos que ocorrem na vida social ou natural, o que esses conhecimentos oferecem são as próprias perspectivas culturais pelas quais muitos de nós aprendemos a imaginar, produzir e habitar o planeta. (CARNIEL; BUENO, 2018, p. 674).

A maneira como determinadas ideias, categorias, ou perspectivas sociológicas se manifestam socialmente, ocupando lugares extra-acadêmicos de produção do conhecimento, representam atualmente um fator significativo dos estudos sobre o pensamento social brasileiro. Nesse sentido, Carniel e Bueno (2018) destacam que o cenário investigativo ganha destaque não apenas pelas maneiras pelas quais as atitudes intelectuais identificadas com o pensamento sociológico se enraízam no cotidiano ou se materializam em produções culturais. Entra em discussão também o próprio papel das diferentes instituições na produção das variadas atividades cotidianas que ocorrem para sustentar e expressar a sociologia.

Lemos *et al.* (2013) considera que os jovens da atualidade nasceram em um mundo onde os meios de comunicação e de transporte aumentam cada vez mais o volume e rapidez das informações, trocas e transformações culturais, isso levando em comparação os jovens da década de 50 e 60 do século passado, que não conseguiam se orientar em relação aos valores que amavam, pois a rapidez histórica não permitia tal acompanhamento e acabavam por não compreender a relação entre eles e o mundo, dessa forma não conseguiam posicionar-se. Os jovens de hoje, por sua vez, não chegam nem, a saber, quais os valores que amam muito menos construir uma identidade moral bem definida. Isso porque atualmente, a diversidade (e a tolerância a ela) ganha espaço significativo no amplo processo social. A formação moral neste contexto torna-se cada vez mais variada e difusa, e os valores incorporados, por uma mesma pessoa, muitas vezes são contraditórios. Assim, podemos entender que, se por um lado nossos jovens são mais maleáveis e abertos à diversidade e às mudanças, por outro acabam por serem mais susceptíveis à moda, à indústria cultural, ao mercado.

De qualquer forma, tanto a juventude da época de Mills quanto à de agora parece carecer do que ele chamou de “Imaginação Sociológica”, ou seja, de uma qualidade de espírito que lhes desse a capacidade de compreender as relações entre o indivíduo e a sociedade, entre a história e a biografia... o homem moderno, por conta de todo um processo histórico, tende a sentir a sociedade como externa a ele, ou seja, não percebe a intrínseca ligação entre o meio social e sua identidade (LEMOS *et al.*, 2013, p. 116).

O autor considera ainda que à medida que as sociedades vão crescendo e diversificando as possibilidades de inserção dos seus membros, aumentam as opções oferecidas a eles quanto ao treinamento e orientação de seus esforços. Assim, essas pessoas começam a perceber suas diferenças com relação aos outros e a compreenderem-se como indivíduo único, que escolhe seu destino. Dessa forma, podemos perceber que a situação social atual dificulta ao jovem compreender bem a relação entre sua identidade, suas escolhas e a sociedade em que vive.

Apesar das dificuldades citadas a cima em relação ao jovem no sentido de compreender sua identidade e seu papel na sociedade, a sociologia para Oliveira (2013) aparece como colaboradora não somente na formação dos sujeitos, mas também na busca pela compreensão do heterogêneo universo escolar. Além disso, a sociologia vem possibilitar a desnaturalização do que é tido como normal, logo, enquanto Ciência Social busca o entendimento das ações humanas e com isso se coloca com ferramenta possível na busca pelo ideal de solidariedade. No momento em que se entende que há uma pluralidade de pensamentos, crenças, ideias, etc., é possível que se construa novas maneiras de se relacionar cumprindo com a proposta de humanização do homem.

A sociologia tem a pretensão de ajudar os jovens a perceberem que existem estruturas invisíveis as quais impulsionam as ações dentro de um espaço de tempo e que são responsáveis pelas mudanças, pelos conflitos e também pela permanência de certos hábitos e de uma determinada cultura em sociedade. A

sociologia auxilia os sujeitos a compreenderem que o comportamento de cada indivíduo é resultado de uma série de fatores muitas vezes imperceptíveis, mas que exercem uma forte coerção sobre os sujeitos, do qual moldam seu jeito de pensar e agir (OLIVEIRA, 2013, p. 7).

Dessa forma, Oliveira (2013) considera que o conhecimento adquirido através da sociologia se torna proveitoso para a formação pessoal de todos os jovens na medida em que possibilita a estes uma teoria que abre um leque de informações das quais é necessário ter conhecimento para que se consiga compreender os fenômenos que ocorrem dentro de determinado contexto social.

A sociologia auxiliará os jovens a se prepararem para a vida em sociedade, pois sabendo apreender seu universo particular e o porquê das suas escolhas, terão maiores condições de identificar fora de si, na História, na Geografia, na Filosofia, etc., as influências que moldam o pensar e o agir da sociedade. Com isso pode-se construir cidadãos mais conscientes e mais tolerantes perante as diferenças ideológicas, étnicas e de gênero, etc. (OLIVEIRA, 2013, p. 8).

Portanto, um dos objetivos centrais da Sociologia segundo Carvalho (2011) é refletir a sociedade na qual vivemos, sem desconsiderar que essa mesma sociedade é capaz de mostrar os comportamentos que foram adquiridos, em sua maioria, na família, na escola, no lazer, no trabalho, etc. Vista como um saber voltado para os estudos dos fenômenos sociais em transformação pode-se dizer que a disciplina de sociologia é um diagnóstico do nosso tempo e se faz necessária para elaborar um novo modo de ver a sociedade e as relações sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante aos fatos abordados nesta pesquisa, o estudo serve como forma de reflexão contínua sobre os diversos problemas vivenciados nas escolas, sobretudo, nas escolas de nível médio, e como a sociologia aborda o surgimento de fenômenos desta realidade e ainda assim enfrentando meras políticas corporativas sem fundamentos básicos socio construtivas. Todavia, para compreendermos o processo de evolução mundial que vem sendo muito difícil por toda a sociedade de forma geral, torna-se necessário observar e discutir conteúdos acerca das problemáticas sociais da humanidade de maneira eficaz, mesmo que estas mudanças e medidas tornem-se cada vez mais complexas para campo do saber.

Torna-se de extrema importância neste trabalho destacar que para termos uma compreensão sistêmica desse problema social, pretende-se discutir: a sociologia no Brasil: sua afirmação como disciplina no ensino médio; formação docente do professor de sociologia; análises socio estruturais: *bullying*, violências e preconceitos; a contribuição da sociologia para a formação dos jovens; ausência de infraestrutura e a falta de capacitação pública e gratuita para os profissionais da educação.

Neste sentido, o papel do professor de sociologia dever ser o de propiciar um ambiente aberto para os agentes do ensino e assegurar que os alunos estarão estudando ciência, garantindo assim, um melhor aprendizado sem interferir em suas identidades.

A complexidade do problema sócio estrutural educacional analisado nesta pesquisa também busca de maneira sociológica estudar os acontecimentos, e fenômenos científicos, porém esses assuntos devem ser tomados como políticas públicas de maneira definitiva e com isso acreditar que, os índices acadêmicos possam melhorar e assim encontrarmos em um futuro breve cidadãos capazes de pensar e agir de forma crítico-social. Nesse sentido, o ambiente escolar deve se tornar um espaço apenas para uso acadêmico/científico, de múltiplas ideias e debate social igualitário, fraternos e responsabilidade social.

Vale ressaltar, que a sociologia busca compreender os acontecimentos e discutí-los, e identificar o cenário escolar atual que é visto hoje como um espaço de conflitos. Diante do que foi abordado, podemos afirmar que, a sociologia pode e deve ajudar, elevando o diálogo entre as profissionais da educação e toda a sociedade de forma a entender que esses acontecimentos são frutos de uma possível falta de atenção a nova realidade em que os jovens estão inseridos no mundo atual globalizado dinâmico e de constantes mudanças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 9.934 de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 12 de agosto de 2020.
- CAREGNATO, Célia Elizabete; CORDEIRO, Victoria Carvalho. Campo Científico-Acadêmico e a Disciplina de Sociologia na Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 39-57, jan./mar. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em 12 de agosto de 2020.
- CARNIEL, Fagner & BUENO, Zuleika de Paula. **O Ensino de sociologia e os seus Públicos**. Educ. Soc., Campinas, v. 39, nº. 144, p.671-685, jul.-set., 2018.
- CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de. **A Importância da Sociologia no Mundo Pós-Moderno**. Democratizar, v.V, n.1, jan./abr. 2011.
- DEBARBIEUX, Eric & BLAYA, Catherine (Orgs). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- FÁVARO, Rodrigo. **História da sociologia**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/610/5/F%C3%81VARO%2C%20R.%20Hist%C3%B3ria%20da%20Sociologia.pdf>. Acesso em 12 de Agosto de 2020.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais. **REVISTA NERA – ANO 8, N. 6 – JANEIRO/JUNHO DE 2005 – ISSN 1806-6755**. Disponível em: <www.prudente.unesp.br/dgeo/nera>. Acesso em: 07 de Nov. 2019.
- FERREIRA, Augusto Cesar Cardoso. **A Importância da Infraestrutura na Escola Pública**: visão geral da importância estrutural no ambiente pedagógico. Trabalho de conclusão de curso – relatório técnico, 2010. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/6025/1/Augusto%20Cesar%20Cardoso%20Ferreira.pdf>. Acesso em 20 de Julho de 2020.
- LEMOS, Carlos Eugenio soares de. *et. al.* **Curso de especialização em ensino de sociologia para o Ensino médio**. Cuiabá-MT: central de texto, 2013.
- LOPES, Doraci Alves; CAMARGO, Dulce Maria Pompêo de; COSTA, Rafael Fernando da. **Sociologia no Ensino Médio em um Mundo em Mudanças**: a questão da “confluência perversa”. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 425-446, set.-dez. 2011 425. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

MEC. (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, do Brasil) **Lei nº 11.684. Junho de 2008.**
Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32546>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

NJAINÉ, K; MINAYO, M. C. S. Violence in schools: identifying clues for prevention, **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-34, 2003.

OLIVEIRA, Rúbia Machado de. **A sociologia no ensino Médio em Santa Maria-RS: aspectos legais e a prática escolar.** Rio Grande do Sul, 2013.

ROSA, Maria José Araujo. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem.** Itabaiana: GEPIADDE, 2010.

SANTOS, Helena dos. **A violência presente nas relações entre alunos e professores no contexto escolar: um estudo bibliográfico.** Araranguá, 2016.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **O ensino de sociologia na escola média brasileira: as lutas políticas em torno de sua obrigatoriedade e as apropriações simbólicas da disciplina.** Paraná, 2011. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2413&Itemid=171. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. **Violência nas escolas: causas e consequências.** Caderno Discente do Instituto Superior de Educação – Ano 2, n. 2 – Aparecida de Goiânia , 2008.

TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o *bullying* e suas causas afetivas. In: CUNHA, J.L.; DANI, L.S.C.: **Escola, conflitos e violências.** Santa Maria: Ed. Da UFSM. ISBN 9788573911107.

TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T.P. *Bullying* e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução (2010). In: Actas do 8º. **Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero.** ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. Anais eletrônicos. ISBN 978-972-8400-97-2.

VARGAS, Francisco E. Beckenkamp. **O Ensino da Sociologia: Dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento.** Pelotas, 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.